

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

---

C749a Congresso Nacional de Arquivologia (4. : 2010 : Vitória, ES).  
Anais do IV Congresso Nacional de Arquivologia, 19 a 22 de  
outubro de 2010. - Vitória, ES : [AARQES], 2010.  
1 CD-ROM

Tema: A Gestão de Documentos Arquivísticos e o Impacto das  
Novas Tecnologias de Informação e Comunicação.  
ISBN: 978-85-63771-00-1

1. Arquivologia - Congressos. 2. Documentos arquivísticos -  
Congressos. 3. Tecnologia da informação. I. Título. II. A Gestão de  
Documentos Arquivísticos e o Impacto das Novas Tecnologias de  
Informação e Comunicação.

CDU: 930.25

---

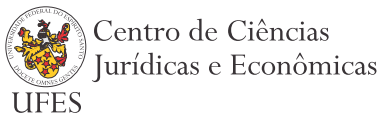
## Realização



## Patrocínio



## Apoio



## Parceiros



## Agência Oficial



## Organização



## **O PERFIL DOS ESTUDANTES DE ARQUIVOLOGIA DA UNIRIO EM 2010**

Wagner Ridolphi  
Bacharel em Arquivologia pela UNIRIO, Arquivista do CLA/UFRJ  
wagner.ridolphi@gmail.com

### **RESUMO:**

A presente comunicação tem por objetivo examinar o perfil dos estudantes de graduação em Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO no ano de 2010. Para isso, confronta os resultados obtidos em pesquisas anteriores, realizadas nos anos de 1996, 2000 e 2004 com o resultado de novo questionário aplicado no 1º semestre letivo de 2010, em sala de aula, aos estudantes do curso. Questionário e metodologia utilizados são os mesmos de trabalho realizado no mesmo período na Universidade Federal Fluminense – UFF. O questionário aborda as seguintes questões centrais: dados sócio-econômicos; hábitos culturais; estágio e trabalho; relação com o curso e a área arquivística. Com os resultados obtidos é realizada uma análise das relações do estudante de Arquivologia da UNIRIO como cidadão, estudante universitário e futuro profissional.

Palavras-chaves: perfil estudantil, ensino em Arquivologia.

### **1. INTRODUÇÃO**

O Curso de Arquivologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO é pioneiro em nosso país, tendo origem no antigo Curso Permanente de Arquivos, que funcionava no Arquivo Nacional. Este curso, que por sua vez sucedeu outros cursos de nível técnico disponibilizados pela instituição a partir de 1911, era realizado regularmente desde 1960 e em decorrência do Parecer nº 212, de 07 de março de 1972, do Conselho Federal de Educação (que autorizou a criação de cursos de nível superior de Arquivologia), recebe em 1973, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mandato universitário. Finalmente, em 1977 o curso é transferido para a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro – FEFIERJ (atual UNIRIO), com a denominação de Curso de Arquivologia, de acordo com o Decreto nº 79.239, de 02 de março de 1977.

O curso é oferecido pela Escola de Arquivologia, vinculada ao Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH. Compreende os seguintes componentes curriculares: disciplinas obrigatórias, disciplinas optativas, estágio curricular supervisionado, trabalho de conclusão de

curso e atividades complementares, que perfazem o total de 2.400 horas-aula de carga horária, tendo como prazo mínimo de integralização oito períodos e máximo de doze períodos.

Já foram realizadas três pesquisas sobre o perfil dos estudantes do curso: a primeira foi em 1996, realizada pela professora Ana Celeste Indolfo, em pesquisa conjunta realizada no mesmo período na Universidade Federal Fluminense – UFF. A segunda foi realizada no ano 2000, pela professora Anna Carla Mariz. Mantendo a sequência histórica, uma terceira pesquisa foi realizada em 2004 pelos então discentes Daniel Pena e Wagner Ridolphi, sob orientação da professora Ana Celeste Indolfo. Pesquisas sobre o perfil estudantil ocorreram também em outras universidades, coincidindo com um período marcado pela expressiva expansão de novos cursos superiores em Arquivologia em nosso país. Se em 1996, ano da primeira pesquisa, eram somente quatro cursos, localizados em três estados do Brasil, em 2010 já são quinze cursos, em onze estados.

## **2. OBJETIVO E METODOLOGIA**

O presente trabalho tem como objetivo descrever o perfil do estudante de Arquivologia da UNIRIO, através de uma abordagem quantitativa, utilizando para isso levantamento realizado junto aos estudantes do curso, em que foram abordados aspectos de sua condição como cidadão, estudante universitário e futuro profissional. Além de expressar o panorama atual do perfil estudantil, examina o resultado das pesquisas anteriores, traçando assim um histórico que visa identificar tendências e modificações deste perfil.

A metodologia adotada para a realização da pesquisa foi a aplicação de questionários em sala de aula com os estudantes, sem que eles precisassem se identificar, assim como já ocorrera nos anos anteriores. Esta técnica de coleta de dados se mostrou a mais adequada para este tipo de pesquisa, pois os questionários

[...] podem ser diretamente aplicados a grupos de indivíduos, em situações nas quais o pesquisador explica os objetivos da pesquisa, dá instruções e esclarece as dúvidas sobre como responder ao instrumento e, em seguida, solicita que todos os preencham, procurando se assegurar de que o fazem da forma mais completa possível. (Moura, Ferreira e Paine, 1998)

O questionário foi composto de perguntas de múltipla escolha, agrupadas em núcleos temáticos. Os quatro núcleos temáticos utilizados foram os mesmos adotados em pesquisas anteriores, para facilitar o comparativo: dados socioeconômicos; hábitos culturais; estágio/trabalho; relação com o curso e a área arquivística. Já as perguntas sofreram

modificações em relação às adotadas na última pesquisa, pois foi verificada a necessidade de abordar questões ainda inexploradas e atualizar a abordagem de alguns temas, enriquecendo assim a pesquisa. Para isso, buscou-se a utilização de perguntas de outra pesquisa mais abrangente sobre perfil estudantil, sendo utilizado como referência o questionário adotado pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE) em parceria com a Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (ANDIFES) para a realização da pesquisa “Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior”.

Foi adotada a amostra não-probabilística acidental, com os questionários sendo aplicados em oito turmas, no período de 07 a 23 de junho do presente ano, sendo selecionadas disciplinas de diferentes períodos, visando um universo diversificado de participantes. A seguir apresenta-se comparativo entre as pesquisas já realizadas:

Tabela 1: comparativo de amostragem das pesquisas

Ano	2010	2004	2000	1996
Universo*	266	206	342	310
Cobertura**	116 (43,6%)	82 (39,8%)	287(83,9%)	83 (26,8%)
Amostra	Todos os períodos	Terceiro ao oitavo período	Todos os períodos	Quatro últimos períodos

\* Número total de estudantes regularmente matriculados no período de aplicação dos questionários

\*\* Número total de questionários respondidos, com respectivo percentual em relação ao universo de estudo.

Por fim, procedeu-se a organização dos dados e foi realizado o processo de tabulação, por meio de suporte computacional, permitindo assim a análise dos resultados dos questionários.

Utilizou-se esta mesma metodologia, inclusive o questionário, em outra pesquisa realizada no mesmo período com os estudantes de Arquivologia da Universidade Federal Fluminense – UFF, de forma semelhante à experiência ocorrida quando do primeiro trabalho acadêmico sobre o perfil estudantil, em 1996.

### 3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

#### 3.1 Dados socioeconômicos

Não houve modificações em relação ao gênero, com ligeira vantagem de estudantes do sexo feminino. Em 1996 elas eram 57,8%, em 2000 61,7%, em 2004 58,5% e neste ano representam 57,7%.

Já na questão sobre faixa etária é verificada uma das principais modificações no perfil estudantil: a diminuição da média de idade. Se na pesquisa anterior a maioria dos estudantes se encontrava na faixa etária entre 23 a 27 anos, com 37,8%, atualmente estes representam 28,4%, com a maioria se concentrando na faixa etária de 18 a 22 anos. É expressivo o aumento nessa faixa etária ao longo dos anos: em 1996 correspondiam a 16,8%, em 2000 a 20,0%, em 2004 a 28,0% e agora em 2010 atingem 37,9%. Portanto, num período de 14 anos entre a primeira pesquisa e a atual, a porcentagem de estudantes mais jovens aumentou em mais de 100%.

Na classificação de cor de pele, utilizando critérios usados pelo IBGE, manteve-se estável a predominância daqueles que se identificaram como brancos: 52,6%, sendo que em 2004 eram 53,7%, em 2000, 51% e em 1996, 54%. Identificaram-se como de cor parda 23,3% e como de cor preta 17,2%.

Quanto à religiosidade percebe-se como mudança o aumento daqueles que declaram não possuir qualquer religião. Eram 21,9% em 2004 e em 2010 são 35,3%, superando o número de católicos, que entre os que declararam ter religião são maioria, com 29,3%. Declararam-se como protestantes ou outro cristão (adventistas, etc.) 19,8%, como espíritas, 9,5% e 6,0% declararam outra opção, sendo a mais citada, umbanda.

Quanto ao local de moradia, a cidade do Rio de Janeiro, onde se localiza o *campus* da universidade, permanece sendo amplamente citada, com ligeiro aumento este ano: em 1996 eram 71,0%, em 2000 81%, em 2004 79,3% e em 2010 84,5%. Outros locais citados foram São Gonçalo (5,2%), cidades da Baixada Fluminense (5,2%) e Niterói (4,3%).

Os meios públicos de transporte (ônibus, trem, metrô, etc.) permanecem sendo a principal forma dos estudantes se locomoverem até a universidade, com 88,8%. Na pesquisa anterior todos declararam essa opção, sendo que era possível marcar também outras alternativas, ao contrário deste ano. Vale ressaltar o crescimento dos que utilizam transporte próprio (carro, moto, etc.), com 6,9%, sendo que em 2004 eram 2,4%.

Com relação à situação de moradia, permanece a predominância dos que residem com seus pais, com 56,0%. Mas houve uma diminuição em relação aos outros anos: em 1996 eram 66%, em 2000 60%, em 2004 68,3%. Em compensação, verificou-se aumento dos que moram sozinhos: 6,1% em 2004, 10,3% em 2010; aumentou também o número de estudantes que moram com o cônjuge ou companheiro(a): 9,7% em 2004, 20,7% em 2010.

Na questão sobre renda familiar média mensal, observa-se um ligeiro aumento em relação às últimas pesquisas, mas não é possível determinar se houve um real crescimento da renda, pois para isso teriam que ser levados em conta outros dados, por isso a pesquisa se limita a informar os resultados obtidos:

Tabela 2: renda familiar média mensal

Ano	2010	2004	2000	1996
Até R\$ 500,00	7,7%	9,8%	9,8%	22,4%
Acima de R\$ 500,00 até R\$ 1.000,00	17,2%	28,0%	22,7%	32,5%
Acima de R\$ 1.000,00 até R\$ 2.500,00*	38,8%	39,0%	38,2%	22,8%
Acima de R\$ 2.500,00**	35,3%	21,9%	24,0%	16,8%

\* Até 2004, a faixa de valores era “acima de R\$ 1.000,00 até R\$ 2.000,00”

\*\* Até 2004, a faixa de valores era “acima R\$ 2.000,00”

Só a título de referência, utilizando o critério de classificação socioeconômica da Associação Nacional de Empresas de Pesquisa – ANEP, verificamos que os estudantes se concentram na classe econômica B2 (que corresponde aos que possuem renda familiar média mensal de R\$ 1.669,00).

Para uma melhor análise da situação econômica do estudante, foi incluída uma nova pergunta em relação às pesquisas anteriores: sobre a participação na vida econômica do seu grupo familiar. Verificou-se um equilíbrio na percentagem das opções: 39,3% dependem ou recebem ajuda da família (sendo que 15,5% não trabalham e são sustentados pela família e 23,3% trabalham, mas recebem ajuda da família); 28,4% trabalham e são responsáveis apenas pelo seu sustento e 32,7% contribuem com a família (sendo que 25,0% trabalham, são responsáveis pelo seu sustento e contribuem para o sustento da família e 7,7% trabalham e são os principais responsáveis pelo sustento da família).

Ao se verificar o nível educacional dos pais, nota-se nova mudança substancial em relação aos anos anteriores. Se até 2004 a maioria dos pais tinha somente o ensino fundamental incompleto, em 2010 verificamos pela primeira vez a predominância dos que concluíram o ensino médio. Também entre as mães, ocorreu um aumento do nível de instrução, tendência que já vinha sendo verificada nas últimas pesquisas. Seguem abaixo os quadros que demonstram essa evolução.

Tabela 3: nível educacional dos pais

Ano	2010	2004	2000	1996
Analfabeto/não estudou	3,4%	-	-	-
Ensino Fundamental incompleto	14,6%	28,0%	24,7%	40,0%
E. Fundamental completo/E. Médio incompleto	12,1%	23,1%	24,1%	27,6%
Ensino Médio completo	31,0%	19,5%	21,6%	15,6%
Ensino Superior incompleto	5,2%	4,9%	6,3%	2,4%
Ensino Superior completo	23,3%	13,4%	19,1%	10,8%
Especialização/Mestrado ou Doutorado	6,0%	4,9%	-	-
Não sabe	4,3%	-	-	-

Tabela 4: nível educacional das mães

Ano	2010	2004	2000	1996
Analfabeto/não estudou	5,2%	-	-	-
Ensino Fundamental incompleto	13,8%	24,4%	27,9%	41,0%
E. Fundamental completo/E. Médio incompleto	14,6%	28,0%	26,8%	21,6%
Ensino Médio completo	30,2%	26,8%	23,7%	24,0%
Ensino Superior incompleto	6,0%	7,3%	6,3%	3,6%
Ensino Superior completo	19,0%	7,3%	6,3%	3,6%
Especialização/Mestrado ou Doutorado	10,3%	3,7%	-	-
Não sabe	0,9%	-	-	-

Uma nova questão apresentada aos estudantes foi sobre o tipo de formação no Ensino Médio. A grande maioria cursou o Ensino Médio padrão, 69,8%, mas um número considerável cursou o Ensino Médio Técnico, representando 25%. Outras opções assinaladas foram Magistério, 3,4% e Supletivo/Telecurso, com 1,7%. Com relação ao tipo de escola em que cursou o Ensino Médio verifica-se uma grande mudança: a maioria cursou integralmente em escola particular, 54,3% e apenas 36,2% integralmente em escola pública. Resultado inverso ao de 2004, quando a maioria dos estudantes cursara integralmente em escola pública, 62,2% e 25,6% em escola particular.

Essa mudança talvez tenha interferido em outro resultado: a diminuição dos estudantes que frequentaram um cursinho pré-vestibular para ingressar na universidade: em 2004 foram 62,2% e em 2010, 50,9%, pouco acima dos que não fizeram: 48,3%.

Com relação ao domínio de idiomas, nesta pesquisa pediu-se que os estudantes declarassem seu nível de conhecimento em cinco línguas estrangeiras. Na língua em que os estudantes declararam maior domínio, o inglês, 43,1% declararam possuir bom domínio, 32,7% regular, 16,4% fraco e 6,9% nenhum. Em anos anteriores simplesmente perguntava-se se o estudante dominava alguma língua estrangeira, sendo que em 2004, 40% declararam ter algum domínio.

### **3.2 Hábitos culturais**

Neste núcleo temático foram realizadas as maiores modificações em relação aos questionários anteriores, impedindo assim a comparação direta com as pesquisas passadas.

A primeira questão verificada foi qual a principal fonte de conhecimentos atuais. Ocorreu um predomínio da internet como fonte preferencial dos estudantes para ficarem a par das notícias e acontecimentos, com 66,4%. Outras fontes citadas foram: telejornal, 7,7%; rádio, 6,9%; jornal escrito, 5,2%; outros programas de TV 2,6% e revistas 0,9%. Nas pesquisas anteriores se verificou a frequência de leitura de jornais e revistas e publicações mais lidas, mas o resultado desta questão comprova o acerto na mudança de abordagem do tema.

A questão seguinte buscou verificar então qual o nível de interesse com relação às informações existentes nos noticiários. Foram dadas nove opções de assuntos e os estudantes deveriam atribuir um grau de interesse que variava de 1 (mínimo interesse) a 5 (máximo interesse). As que obtiveram maior grau de interesse foram, pela ordem: cultura e lazer, 59,5%; noticiário local/nacional, 38,0%; noticiário internacional, 32,7% e esportes, 30,2%. Obtiveram nível médio de interesse, com maior percentagem que marcaram a opção 3: economia, 36,2%; política, 32,7% e informática, 29,3%. Apresentaram baixo nível de interesse: noticiário policial, em que 40,5% marcaram a opção 2 e matérias sobre veículos, em que 46,5% marcaram a opção 1.

Com relação à leitura de livros extracurriculares, questão abordada nas pesquisas anteriores, foi verificado um aumento. Em 1996 e 2000 perguntava-se sobre a leitura nos 6 meses anteriores, com resultados positivos, respectivamente, de 42,0% e 50,0%. Nas pesquisas seguintes perguntou-se sobre a leitura nos 12 meses anteriores, ocorrendo também um aumento entre os anos pesquisados: 81,7% responderam positivamente em 2004 e 86,2% em 2010. Desta vez também foi verificado a quantidade de livros lidos e a média foi de 4 livros por estudante.

Outra nova questão abordada foi a participação social, cultural e política dos estudantes. Foram dadas oito opções de atividades e os estudantes deveriam marcar com que frequência as realizavam. Nenhuma atividade obteve a opção “frequentemente/sempré” como a mais citada, sendo que as atividades artísticas, culturais ou de artesanato foram as que mais citadas: 32,7%, enquanto 47,4% marcaram que as realizam às vezes. Esta também foi a opção mais marcada para as atividades físicas e esportivas, com 43,1%. As demais atividades tiveram como maior frequência de respostas a opção “nunca/raramente”: movimentos sociais/comunitários, 54,3%; movimentos religiosos, 55,2%; movimentos ecológicos, 62,9%; sociedades científicas, 65,5%; movimento estudantil, 79,3% e político-partidárias, 83,6%. Chama a atenção as atividades de caráter político serem as menor participação.

A mesma abordagem foi realizada para verificar as principais atividades de lazer praticadas pelos estudantes. As mais citadas, com maior frequência de resposta “frequentemente/sempré” foram: ouvir música, 78,4%; internet (pesquisa, bate-papos), 76,7%; assistir televisão, 49,1% e sair para dançar, ir em barzinhos, etc., 40,5%. Obtiveram maior número de respostas como praticadas “às vezes” as seguintes atividades: ir ao teatro, a shows ou concertos, 56,9%; ir ao cinema, 49,1%; jogos (baralho, vídeo game, etc.), 44,8%. Assistir competições esportivas foi a atividade cuja maioria apontou como praticada nunca ou raramente: 40,5%. Em anos anteriores, assistir televisão, ir ao cinema, teatro e shows também estavam entre as atividades mais citadas, com a pesquisa este ano trazendo como novidade a forte presença da internet.

A frequência em bibliotecas aumentou: em 2004, 42,7% declararam ir frequentemente, enquanto em 2010, esse número aumentou para 59,4% (somando os 39,6% que freqüentam para estudos relacionados aos curso e 19,8% que frequentam também para atividades de lazer e cultura).

Com relação ao uso de microcomputador nenhum estudante declarou não dominar. A maioria declarou ter experiência no uso de microcomputador, com 60,3%; 26,7% declararam ter muita experiência e 12,1% declararam ter alguma noção.

### **3.3 Estágio/trabalho**

Com relação ao trabalho, permanece crescente a percentagem de estudantes que não exercem um emprego regular: eram 50% em 1996, 55,0% em 2000, 58,5% em 2004 e em 2010 são 60,3%. Dos estudantes que trabalham, a relação com o emprego permanece inalterada comparando-se com a pesquisa anterior: 60,9% estão razoavelmente satisfeitos (em

2004 eram 61,8%), 26,1% estão muito satisfeitos (em 2004, 26,5%) e 13,0% estão nada satisfeitos (em 2004, 11,8%). Mas houve alteração na avaliação dos estudantes sobre a implicação do trabalho para a sua vida acadêmica: em 1996, a maioria afirmou que complementava (41,0%), em 2000 por sua vez a opção mais citada passou a ser “não interfere”, com 39,0%, percentagem essa que aumentou em 2004, passando a 52,9%. Já em 2010 a maioria permanece declarando que não interfere, 36,9%, mas houve um grande aumento dos que consideram que prejudica: de 8,8% em 2004 passaram a corresponder a 30,4% em 2010.

Não houve grande variação no número de estudantes que dividem seu tempo acadêmico com algum tipo de estágio. Em 2010, 48,3% dos estudantes estagiam, percentual quase semelhante ao de 2000, 51,0%, anos em que as pesquisas foram aplicadas a todos os períodos. Já em 2004 e 1996, respectivamente 64,6% e 66,0% estagiavam, mas deve ser levado em conta que nesses anos o questionário não foi aplicado nas turmas dos períodos iniciais. Colegas de curso, como apontado nas pesquisas anteriores, continuam sendo importante meio para os estudantes tomarem conhecimentos dos estágios, com 33,9%, mesmo percentual daqueles que tomaram conhecimento através de jornal ou internet. Outro importante meio de divulgação de estágios são as agências de integração, com 19,6%. A pesquisa verificou um aumento na remuneração dos estágios: em 2004, 43,4% recebiam entre R\$ 300,00 e R\$ 500,00, já em 2010 a maioria dos estudantes, 66,1%, recebe entre R\$ 500,00 e R\$ 800,00. Aumentou o número de estudantes que cumprem 30 horas semanais de estágio (62,5% em 2010, 34,0% em 2004), dado que veio acompanhado da diminuição dos estágios de 40 horas semanais (7,1% em 2010, 28,3% em 2004). A maioria dos estudantes permanece apontando o treinamento profissional como principal motivação para a realização do estágio (em 2010, 55,3%, em 2004, 56,6%), mas houve um aumento dos que apontaram a maior autonomia financeira como principal razão (em 2010, 35,7%, em 2004, 17,0%). O nível de satisfação também permaneceu o mesmo, com 50,0% afirmando estarem muito satisfeitos com seus estágios. Aumentou a quantidade dos estagiários que tem como supervisor um arquivista (em 2010, 69,6%, em 2004 eram 50,9%). A formação acadêmica mais citada do supervisor, depois de Arquivologia, foi Administração (12,5%).

### **3.4 Relação com o curso e a área arquivística**

A primeira questão abordada foi como os estudantes tomaram conhecimento do curso, a maioria afirmou ter sido através de amigos ou parentes, 37,9%. Nas pesquisas anteriores

isso também já havia sido detectado, correspondendo a 42,7% em 2004, 43,0% em 2000 e 36,0% em 1996. Muitos apontaram também os cursos pré-vestibulares ou através do manual do vestibular, com 20,7%. Através do trabalho foram 12,1%, pela imprensa, 6,0% e outras formas totalizaram 22,4%, sendo a mais citada, através de outro curso de graduação.

Mudança significativa ocorreu na motivação para a escolha do curso. Boas perspectivas profissionais passaram a ser a principal razão, correspondendo a 45,7%, enquanto que a baixa concorrência pelas vagas no vestibular, principal razão apontada em 2004, com 46,3%, em 2010 passou a ser a quarta opção na preferência, com 10,3%. Outras motivações mais citadas foram: aptidões pessoais, com 18,1% e complementação de formação profissional que já exerce, com 13,8%.

Uma nova questão que esta pesquisa procurou verificar foi se a Arquivologia é a única formação superior iniciada pelos estudantes. Constatou-se que a maioria iniciou ou concluiu outro curso, 55,1% (somando 26,7% que iniciaram e abandonaram outro curso, 17,2% que já concluíram outro curso e 11,2% que ainda estão cursando outro curso). Daqueles que concluíram ou estão cursando outra graduação, a maioria predominante é de História, com 66,7%, sendo citados também os cursos de Administração e Museologia, ambos com 3,0%.

Outra nova questão inserida na pesquisa foi sobre o grau de satisfação dos estudantes com o curso de Arquivologia. Os estudantes deveriam atribuir um grau de satisfação que variava de 1 (mínimo) a 5 (máximo), verificando-se o seguinte resultado:

Tabela 5: grau de satisfação com o Curso de Arquivologia

Menor grau de satisfação	1	3,4%
	2	4,3%
	3	38,8%
	4	39,6%
Maior grau de satisfação	5	12,9%

Podemos considerar como positiva a avaliação sobre o curso, pois as opções 1 e 2, correspondentes aos menores graus de satisfação, totalizaram 7,7% e as opções 4 e 5, correspondentes aos maiores graus de satisfação totalizaram 52,5%. Também se revelou positiva a avaliação sobre os professores do curso, pois 68,1% dos estudantes consideram que possuem boa didática. Houve uma mudança em relação aos anos anteriores: em 1996 a maioria (59,0%) afirmou que os professores não possuíam boa didática, nos anos de 2000 e 2004 a avaliação passou a ser positiva, com respectivamente 56,5% e 50,0%, mas em nível

inferior ao verificado este ano. Ao serem questionados sobre como classificariam a direção do curso com relação à capacidade de solucionar seus problemas, a maioria (56,9%) classificou como boa, 24,1% como ruim, 14,6% como péssima e 3,4% como ótima, resultados semelhantes à pesquisa anterior. Nas pesquisas anteriores foi verificado se os estudantes estavam satisfeitos com a distribuição das disciplinas no horário noturno, ou se preferiam que fossem ofertadas em horário diurno. Neste ano considerou-se melhor não restringir a pergunta sobre essa questão, foi simplesmente perguntado se estavam satisfeitos com a distribuição do horário das disciplinas e a maioria (64,6%) afirmou estar satisfeita.

Confrontados com o questionamento sobre se a universidade oferece ou não condições, em termos de estrutura física e acadêmica, para a realização da tríade ensino, pesquisa e extensão, a maioria considerou que não (69,0%). Apesar da avaliação permanecer negativa, houve uma melhora em relação à 2004, quando 81,7% responderam que não.

Em 2004, 90,2% dos estudantes não consideravam o currículo do Curso de Arquivologia atualizado, demonstrando de forma incontestável a necessidade de revisá-lo. A reforma curricular, que já estava em andamento, foi aprovada pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da UNIRIO pela Resolução nº 2.813, de 05 de dezembro de 2006, e a primeira turma a ingressar no novo currículo foi a do primeiro semestre de 2007. Passados três anos da implantação da nova grade curricular a avaliação dos estudantes passou a ser positiva, com 59,5% afirmando que o currículo se encontra atualizado, mas ainda há uma grande quantidade, 39,6% que não concorda. Para estes, foram colocadas duas opções de motivos: o currículo ainda apresentar carências em disciplinas que preparem para o mercado de trabalho ou ainda apresentar carências que capacitem para a pesquisa, sendo solicitado que apontassem qual seria a principal razão, verificando-se um empate nas respostas, com ambas obtendo 45,6%.

Solicitados a apontar o principal aspecto da Arquivologia pelo qual tem interesse especial, a maioria dos estudantes apontou a área de conservação e restauração de documentos, com 29,3%. Tecnologias da informação aplicadas aos arquivos, mais citada nas pesquisas anteriores, desta vez foi a segunda na preferência, com 25,0%. Arquivos permanentes obteve 19,8%, arquivos correntes e intermediários obteve 15,5% e arquivos especiais obteve 6,9%.

A maioria dos estudantes, 69,8%, afirmou já ter participado de congressos, seminários e/ou encontros arquivísticos. Esse alto índice de participação, que seria ainda maior, com 89,6%, se desconsiderados os estudantes dos dois primeiros períodos, presume-se ser resultado do Rio de Janeiro ter sediado em 2008 o III Congresso Nacional de Arquivologia.

Como comparação, em 2004, quando o universo pesquisado não incluía alunos dos primeiros períodos, 54,9% afirmaram ter participado de algum evento na área arquivística.

Sobre a relação com estudantes de outros cursos, a maioria (78,5%) afirmou se relacionar (somando 9,5% que se relacionam com estudantes de outros cursos de Arquivologia e 69,0% que se relacionam com de outros cursos além da Arquivologia).

A avaliação sobre o trabalho realizado por um Diretório Acadêmico é considerada positiva, com 56,9% considerando muito importante, 34,5% pouco importante e apenas 5,2% como desnecessário.

Apesar de existirem duas associações profissionais no Rio de Janeiro, apenas 10,3% dos estudantes declararam ser associados. Resultado similar ao já verificado em 2004, quando somente 12,2% eram associados.

Questionados sobre o que pretendem fazer logo após se formar, 58,6% afirmaram que se vêem trabalhando e seguindo os estudos; 25,0% apenas trabalhando e 12,9% apenas estudando. Sobre os que afirmaram que pretendem estar trabalhando logo após se formar, a grande maioria, 71,1% pretende trabalhar exclusivamente na área arquivística, enquanto 25,8% trabalhariam em qualquer área em que obtivesse oportunidade. Entre os que pretendem dar continuidade aos estudos, a maioria também manifesta o desejo de se especializar na área, realizando pós-graduação (79,5%), enquanto 16,9% pretendem realizar outro curso de graduação. Finalmente, indagados se teriam interesse em realizar licenciatura ou se tornarem professores na área arquivística, a maioria (56%), afirmou que não, resultado ligeiramente superior ao verificado em 2004, de 50%.

#### **4. CONCLUSÕES**

De forma geral, o resultado da pesquisa traça o retrato de um novo perfil dos estudantes de Arquivologia da UNIRIO. No aspecto socioeconômico consolida-se um fenômeno verificado já na última pesquisa, que é a diminuição da faixa etária, portanto, com a graduação ocorrendo numa idade adequada, logo após a conclusão do Ensino Médio. Se nas primeiras pesquisas era claro que a graduação universitária em um curso de pouca procura representava a perspectiva de ascensão social para estudantes oriundos de famílias de baixa renda, verifica-se agora que este perfil deixa de ser preponderante. A renda familiar média mensal aumentou, o nível educacional dos pais teve considerável elevação e é revelador verificar que a maioria cursou o Ensino Médio em escolas particulares.

Os hábitos culturais também apontam para um estudante com formação mais elevada, que costuma ler livros extracurriculares, frequenta bibliotecas e para quem a internet é a principal fonte de informação e entretenimento. Já o engajamento político, seja estudantil ou partidário, revela-se bem fraco, refletindo fenômeno comum entre a população mais jovem, como é possível verificar em pesquisas do gênero. A participação em ações sociais, tão em voga nos tempos atuais, também se mostrou pouco significativa.

O número de estudantes que exercem um emprego regular vem diminuindo ao longo dos anos, provavelmente devido à diminuição da faixa etária. A se considerar as informações fornecidas pelos estudantes, há uma melhora nas condições de estágio na área arquivística, com aumento da remuneração, carga horária semanal que não prejudica os estudos e geralmente com supervisão de um arquivista, proporcionando um treinamento adequado.

Ao apontarem as boas perspectivas profissionais como a principal motivação para a escolha do curso, corrobora-se a análise de que o curso deixa de ser visto como uma escolha realizada por exclusão e passa a ser uma escolha intencional. A grande quantidade de concursos públicos para o cargo de arquivista que vem sendo realizados nos últimos anos provavelmente vieram a contribuir muito para essa mudança. A busca de melhor colocação profissional também pode explicar o expressivo número de estudantes oriundos do curso de História (ainda cursando ou já formados), através do qual tiveram conhecimento do curso de Arquivologia.

Apesar dos investimentos realizados nos últimos anos pelo governo federal, os estudantes permanecem tendo uma avaliação negativa sobre a universidade, por considerarem que ainda há carências em termos de estrutura física e acadêmica.

Um fator importante que deve ser considerado é que a pesquisa atual ocorreu após três anos da implantação do novo currículo, que conforme Bellesse e Gak (2007), deveria “[...] desenvolver uma formação ampla voltada para uma atividade reflexiva e investigativa. Assim, a Escola de Arquivologia deverá propiciar uma sólida formação técnico-científica, cultural e humanística [...]”. Já como resultado das mudanças ou não, o curso de Arquivologia (incluindo professores e a direção do curso) obteve boa avaliação dos estudantes.

A identificação de que a maioria dos estudantes pretende prosseguir os estudos e trabalhar na área arquivística são bons indicadores que a profissão vem obtendo maior visibilidade social.

Por fim, o presente trabalho não pretende esgotar todos os questionamentos que envolvem a formação em Arquivologia, mas espera ter fornecido dados que fomentem novas

pesquisas sobre o tema, ao revelar as características do principal sujeito desse processo, o estudante.

## 5. REFERÊNCIAS

BELLESSE, Júlia; GAK, Luiz Cléber. Curso de Arquivologia: Uma Nova Arquitetura Pedagógica na UNIRIO. In: CONGRESSO DE ARQUIVOLOGIA DO MERCOSUL, 7., 2007, Viña del Mar, Chile. Disponível em: <[www.asocarchi.cl/DOCS/89.pdf](http://www.asocarchi.cl/DOCS/89.pdf)>. Acesso em: 04 jul. 2010.

ESCOLA DE ARQUIVOLOGIA DA UNIRIO. Disponível em: <<http://www.unirio.br/arquivologia/>>. Acesso em: 04 jul. 2010.

FONAPRACE. Disponível em: <<http://www.unb.br/administracao/decanatos/dac/fonaprace/index.html>>. Acesso em: 09 maio 2010.

INDOLFO, Ana Celeste. O Perfil dos Estudantes de Arquivologia da UNI-RIO. In: JARDIM, José Maria; FONSECA, Maria Odila. A formação do Arquivista no Brasil. Niterói: EDUFF, 1999.

MARIZ, Anna Carla Almeida. Perfil do Aluno de Arquivologia da UNIRIO no ano 2000. Cenário Arquivístico, Brasília, v. 2, n. 1, p. 15-19, 2003.

MARQUES, Angélica Alves da Cunha. Os espaços e os diálogos da formação e configuração da arquivística como disciplina no Brasil. 2007. 298 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10482/2979>>. Acesso em: 04 jul. 2010.

MOURA, Maria Lucia Seidl de; FERREIRA, Maria Cristina; PANE, Patricia Ann. Manual de Elaboração de Projetos de Pesquisa. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

PENA, Daniel; RIDOLPHI, Wagner. O Perfil dos Estudantes de Arquivologia da UNIRIO em 2004. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, 1., 2004, Brasília. Anais... Brasília: ABARQ, 2004. 1 CD-ROM.